

Construindo um mundo eqüitativo

Discurso pronunciado na Reunião Anual por James D. Wolfensohn,
Presidente do Grupo Banco Mundial
Praga, República Tcheca, 26 de setembro de 2000

É com muito prazer que lhes dou as boas-vindas a esta Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional e Grupo do Banco Mundial. Queria dar boas-vindas especiais à delegação de San Marino, o mais novo país membro do Banco.

Gostaria de agradecer ao Presidente, Trevor Manuel, por seu apoio e por seu enérgico discurso. Ele demonstrou uma rara combinação de liderança na luta pela liberdade e sólida gestão econômica depois de conquistá-la. Gostaria também de agradecer aos Governadores e à Diretoria Executiva por sua colaboração no trabalho que empreendemos para o Banco.

Desejo expressar minha admiração por tudo o que Michel Camdessus realizou nesses anos à frente do FMI e agradecer-lhe por sua amizade e estreita colaboração. Espero manter a mesma colaboração com Horst Köhler e creio que começamos muito bem. Estou muito satisfeito com os planos da nossa visita conjunta à África que Horst mencionou.

Gostaria de ressaltar que concordo plenamente com o que Horst acaba de dizer sobre nosso entendimento conjunto das funções complementares do Banco e do Fundo. Nosso objetivo comum é melhorar a qualidade de vida e reduzir a pobreza através do crescimento sustentável e eqüitativo. Na busca dessa meta comum, o mandato essencial do Banco é reduzir a pobreza, concentrando-se particularmente nas dimensões institucionais, estruturais e sociais do desenvolvimento. Dessa forma, complementa a função primordial do Fundo nas questões macroeconômicas em prol do seu objetivo principal, que é promover e manter a estabilidade financeira.

Quero enfatizar essa inter-relação. Se não enfrentarmos as estruturas deficientes e as tensões sociais que afetam a estabilidade macroeconômica, os pobres serão as primeiras vítimas. Ao mesmo tempo em que visamos à responsabilidade fiscal, nossa prioridade deve ser a proteção dos pobres.

Quero agradecer também à República Tcheca e ao povo e autoridades de Praga pela realização desta reunião. Fizeram um trabalho magnífico em circunstâncias difíceis. Agradeço ao Presidente Václav Havel, que de maneira singular incorpora numa pessoa e numa voz as esperança e sonhos de uma geração. As palavras que pronunciou hoje foram inspiradoras e devemos sempre lembrar seu apelo a uma renovação dos valores..

A República Tcheca sentiu a dor e as dificuldades do processo de transição. Mas foi pioneira e mantém-se firmemente empenhada no fortalecimento das instituições, estruturas de mercado e administração pública que são essenciais para o crescimento eqüitativo. Nossa reunião aqui em Praga, coração da Europa, simboliza o grande significado do movimento de integração européia.

Esta é a sexta vez em que me dirijo a esta assembléia como Presidente do Grupo Banco Mundial: meu primeiro discurso do meu segundo mandato de Presidente. Aprendi muito nos últimos cinco anos, durante os quais Elaine e eu visitamos mais de 100 países.

Aprendi com uma mulher nas favelas do Rio de Janeiro, que participara de um programa comunitário de água e esgotos, que o desenvolvimento não requer caridade, e sim inclusão e emancipação.

Aprendi com um criador de camarões no delta do Mekong, cuja subsistência foi ameaçada pela degradação ambiental dos manguezais, que nosso trabalho pode dar em nada se não enfrentarmos os desafios ambientais.

Aprendi com um líder religioso na Costa do Marfim, numa das minhas primeiras viagens pelo Banco, que, se dermos dinheiro aos pobres com uma mão e com a outra tirarmos a mesma quantia em dívida, pouco faremos para aliviar a pobreza. Essa lição simples foi a base para a criação da iniciativa para os países pobres muito endividados.

Acima de tudo, aprendi algo sobre um traço humano comum. As pessoas que vivem na pobreza querem para seus filhos o mesmo que nós queremos para os nossos: educação, saúde, segurança e oportunidade. Querem ter voz. Não querem caridade. Querem a oportunidade de ter uma vida melhor. Querem que seus direitos humanos sejam respeitados.

Estamos todos aqui para trabalhar por esse traço humano comum e, acima de tudo, para lutar contra a pobreza com paixão. Contudo, para superar a pobreza, paixão não é suficiente. Devemos agir de maneira efetiva. E devemos manter um compromisso de longo prazo.

Acredito que as mudanças fundamentais da última década, apesar de muito desafiadoras e difíceis, proporcionam uma verdadeira oportunidade para fazer um enorme avanço na luta contra a pobreza. Essa oportunidade apresenta-se agora e devemos aproveitá-la.

Aprofundamos nosso conhecimento sobre o que é a pobreza e como alcançar um desenvolvimento equitativo. Estamos mudando nossa instituição e as nossas atividades para atuar de maneira mais eficaz e transparente e com maior responsabilidade.

Mas só avançaremos na luta contra a pobreza se trabalharmos juntos: países desenvolvidos e em desenvolvimento, instituições internacionais, sociedade civil em todas as suas formas e setor privado. Nossa parceria deve alavancar a luta contra a pobreza. Nossa parceria deve criar um novo internacionalismo que corresponda a uma economia globalizada.

Do lado de fora, jovens estão protestando contra a globalização. Acredito que muitos deles estão levantando questões legítimas, e admiro o empenho de uma nova geração na luta contra a pobreza. Compartilho sua paixão e as questões que eles suscitam. Todos temos muito o que aprender. Mas acredito que só poderemos avançar se nos relacionarmos de maneira construtiva e com respeito mútuo.

O Mundo no Novo Milênio

Estamos no início de um novo milênio, após uma década em que a globalização se acelerou notavelmente. Este é o momento de avaliar esse progresso e formular um plano para o futuro. Este é um momento de grandes oportunidades, mas também de enormes desafios. Devemos tratar a globalização como uma oportunidade, e o alívio da pobreza como nosso desafio. Mas o que significa globalização?

Globalização significa um mundo cada vez mais interligado e interdependente.

Significa comércio, investimento e financiamento internacionais que crescem mais rápido do que a renda nacional, de modo que nossas economias estão cada vez mais integradas.

Significa crises financeiras internacionais: como vimos na experiência do leste da Ásia, a instabilidade de um país pode afetar todos os outros.

Significa tecnologias que já transformaram nossa capacidade de comunicação de uma forma que não se podia imaginar há alguns anos.

Significa doença, e penso particularmente em AIDS, malária e tuberculose.

Significa crime, violência, ameaças e terrorismo, que não respeitam fronteiras nacionais.

Significa novas oportunidades para trabalhadores em todos os países desenvolverem seu potencial e sustentarem suas famílias mediante empregos criados por uma maior integração econômica.

Mas também significa trabalhadores nos países desenvolvidos que temem perder seus empregos para países com custos mais baixos e menos direitos trabalhistas. E significa trabalhadores nos países em desenvolvimento que se preocupam com o fato de que as decisões que afetam suas vidas são tomadas longe deles, nas sedes das empresas multinacionais.

Em suma, globalização significa riscos e oportunidades. Para enfrentar esses riscos devemos, no âmbito nacional, administrar o processo de ajuste e fortalecer os sistemas sociais, estruturais e financeiros. No âmbito internacional, devemos estabelecer uma arquitetura financeira mais forte, combater as doenças, reverter a degradação ambiental e utilizar as comunicações para dar voz aos que não têm voz.

Não podemos reverter a globalização. Nosso desafio consiste em transformá-la em instrumento de oportunidade e inclusão, não de medo e insegurança.

Na década passada houve não só uma aceleração da globalização, mas também um verdadeiro avanço na qualidade das políticas dos países em desenvolvimento. Em todo o mundo aumentou o número de alunos na escola primária e secundária. Em muitos países, as pessoas estão vivendo mais, um número menor de recém-nascidos morrem e um número maior de mulheres sobrevivem ao parto. No campo econômico, a inflação caiu, os mercados foram liberados e o investimento aumentou fortemente.

As perspectivas econômicas para os próximos anos são promissoras: a renda per capita dos países em desenvolvimento deve crescer mais de 3,5%. Trata-se do maior crescimento registrado em várias décadas e mais rápido que o dos países desenvolvidos. Na verdade, um grande número de pessoas nos países em desenvolvimento está vendo os frutos dessa combinação de melhores políticas e globalização.

Contudo, para muitos esse quadro otimista ainda é uma miragem.

Num grande número de países, o crescimento demográfico anulou o aumento da renda per capita. Num grande número de países, a AIDS anulou o aumento da esperança de vida e causou perdas incalculáveis. Num número demasiado grande de países, as armas, guerras e conflitos anularam o desenvolvimento. No âmbito global, não podemos ser complacentes com as perspectivas, particularmente tendo em vista a volatilidade dos preços do petróleo e dos produtos primários e as fortes oscilações nas taxas de câmbio.

Vivemos num mundo marcado pela desigualdade. Algo está errado quando os 20% mais ricos da população mundial recebem mais de 80% da renda global. Algo está errado quando 10% da população recebem metade da renda nacional, como acontece num grande número de países. Algo está errado quando a renda dos 20 mais ricos é 37 vezes a média da renda dos 20 países mais pobres, uma diferença que aumentou mais do dobro nos últimos 40 anos. Algo está errado quando 1,2 bilhão de pessoas ainda vivem com menos de 1 dólar por dia e 2,8 bilhões com menos de 2 dólares.

Num momento em que todas as forças estão fazendo o mundo menor, é hora de mudar nossa maneira de pensar. É hora de perceber que vivemos juntos em um mundo, não em dois; que essa pobreza está na nossa comunidade, onde quer que vivamos. É nossa responsabilidade. É hora de os líderes políticos reconhecerem essa obrigação.

Nunca tanto estive em jogo. Os conflitos que tanto prejudicam o desenvolvimento não são meros acidentes da história. A ocorrência de conflitos é mais provável em países com pobreza grave e que dependem de produtos primários. O crime violento é mais provável em países com grande desigualdade da renda. O que se aplica numa determinada sociedade hoje será cada vez mais válido em relação aos conflitos e ao terrorismo internacional nesse mundo globalizado.

A luta contra a pobreza é a luta pela paz e pela segurança mundial.

O que aprendemos sobre a luta contra a pobreza?

Para enfrentar esses desafios, devemos agir juntos. E devemos aproveitar as lições da experiência. Quais foram essas lições?

Aprendemos que a pobreza é mais que uma renda inadequada ou mesmo baixo desenvolvimento humano; ela também é falta de voz, falta de representação. É vulnerabilidade ao abuso e à corrupção. É violência contra as mulheres e medo do crime. É um problema de auto-estima.

A pobreza, como nos ensinaram as discussões com 60.000 pobres em 60 países, é a falta da liberdade fundamental de ação, de escolha e de oportunidade.

Aprendemos que as reformas orientadas para o mercado, quando combinadas com o desenvolvimento social e institucional, podem proporcionar desenvolvimento econômico aos pobres. Aprendemos que o crescimento econômico é a força mais potente para uma redução sustentada da pobreza. O crescimento é essencial, mas não é suficiente.

Se quisermos combater a desigualdade, devemos ajudar os pobres a acumular ativos, inclusive educação, saúde e terras. Devemos levar infra-estrutura e conhecimento às áreas pobres, rurais e urbanas. Devemos combater as desigualdades arraigadas, superando divisões baseadas em gênero, etnia, raça ou condição social. Devemos proteger os pobres contra perdas de colheitas e desastres naturais, crime e conflito, doença e desemprego.

O desenvolvimento deve ser integral. Deve abranger educação e saúde, mas também boa gestão pública, luta contra a corrupção, reforma judicial, reforma do setor financeiro. O desenvolvimento deve incluir a infra-estrutura e a proteção do meio ambiente, bem como políticas econômicas adequadas. Todos esses elementos dependem uns dos outros e se reforçam mutuamente.

Aprendemos – e isso é fundamental – que o desenvolvimento não pode ser imposto de cima para baixo. Não existe um modelo universal para o desenvolvimento. Deve ser feito pelo país e a ele pertencer.

Sem uma abordagem integral, que seja elaborada e adotada em cada país, não conseguiremos o desenvolvimento que é vital para um mundo pacífico e equitativo.

Estamos aplicando o que aprendemos. Há mais de um ano, reconhecendo a importância de uma estratégia integral, lançamos o Esquema Integral de Desenvolvimento. Trata-se de um esquema holístico, a longo prazo e identificado com o país que está sendo implantado em 12 países.

No ano passado, com o FMI, começamos a ajudar os países a elaborar estratégias de redução da pobreza: estratégias propostas pelos países e focalizadas na pobreza. Nosso esquema integral e as estratégias de redução da pobreza incorporam uma abordagem de desenvolvimento que está recebendo um forte apoio da comunidade internacional.

Queremos destacar um elemento essencial dessa abordagem: a participação. A participação faz com que o projeto ou programa dê melhores resultados. E pode criar o consenso social que é a base da reforma social. É parte da liberdade.

Que lugar seria melhor do que Praga, berço da Revolução de Veludo, para destacar a importância central da participação? Onde melhor reafirmar o que os pobres do mundo inteiro dizem que querem: liberdade, participação e voz na criação de uma vida melhor para eles?

A participação pode assumir várias formas – e dá resultado.

Em Bangladesh, estamos ajudando ONGs a executar programas de microcrédito em benefício de mais de 5 milhões de pobres, 90% dos quais são mulheres.

Em Uganda, graças às doações proporcionadas a grupos comunitários, a frequência escolar e o uso de instalações de saúde aumentaram notavelmente.

Na Índia, o aprofundamento da democracia promoveu a participação até nas cidades menores. As reformas fortaleceram muito a representação das mulheres nos conselhos locais.

Com o apoio e a liderança dos países, estamos colaborando com as comunidades, governos locais, setor privado e sociedade civil em prol do desenvolvimento comunitário.

Na Indonésia, 2.000 aldeias e grupos comunitários estão elaborando suas próprias propostas para receber financiamento local.

Em Benin, as mulheres estão trabalhando juntas para proteger as florestas e transformá-las em fontes de renda em vez de fontes de combustível.

No âmbito nacional, estamos ajudando a construir instituições fortes para assegurar que os pobres participem da economia e da sociedade e delas se beneficiem. As instituições estatais devem ser mais sensíveis aos pobres. Devemos reconhecer que num grande número de países a luta contra a pobreza é também uma luta contra os interesses adquiridos de uma elite econômica que tem uma influência indevida sobre as políticas, regulamentos e leis.

Se aplicarmos essa abordagem integral, trabalhando em parceria com os governos, se conseguirmos essa participação, essa equidade e essa inclusão, então teremos um desenvolvimento democratizado.

A Revolução da Informação e das Comunicações

Hoje dispomos de uma ferramenta extraordinária que permite a participação de todos numa escala inimaginável há alguns anos. A revolução da informação e das comunicações transformará a noção atual de desenvolvimento.

Essa revolução promete uma oportunidade histórica de refazer a economia global mediante acesso amplo e igualitário ao conhecimento e informação; mediante promoção da autonomia e inclusão das comunidades locais; mediante o crescimento econômico, empregos e maior acesso aos serviços básicos.

Nos últimos cinco anos, concentramo-nos na mobilização do poder da tecnologia de informação e comunicação e do conhecimento para acelerar o desenvolvimento.

Estamos colaborando com os governos para promover a adequação das políticas, normas e redes, mediante nosso trabalho de análise e assessoramento e por meio do *InfoDev*, nosso programa de doações.

Estamos ligando os líderes de desenvolvimento de todo o mundo através da nossa Rede Global de Aprendizagem sobre o Desenvolvimento, que proporciona treinamento e cria amplas oportunidades de aprendizagem.

Estamos ligando alunos e professores de escolas secundárias nos países em desenvolvimento com alunos e professores de países industrializados através do programa Elos Mundiais para o Desenvolvimento .

Estamos usando tecnologia de informação e comunicação para criar uma “universidade sem muros” e vincular os países da África Subsaariana diretamente com professores e recursos didáticos de todo o mundo através da Universidade Virtual Africana.

Mediante o Portal Global para o Desenvolvimento e a Rede Global de Desenvolvimento, estamos promovendo a criação e difusão de conhecimento. Estamos apoiando o estabelecimento de redes de conhecimento, pesquisa global e comunidades de prática a partir da base.

Finalmente, estamos criando muitas aplicações práticas utilizadas por comunidades pobres em todo o mundo para divulgar conhecimentos no idioma local, promover atividades econômicas nas comunidades, prestar assistência em termos de tratamento médico e vinculá-las entre si e com o mundo.

A revolução da informação e das comunicações proporciona uma oportunidade sem precedentes de promover a autonomia e a participação. Os pobres de todo o mundo estão exigindo ação. Como uma das atividades de acompanhamento ao estudo “Vozes dos Pobres”, muitos grupos nos procuraram e solicitaram, como prioridade, maior acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Devemos trabalhar para que um dia, através da Internet, aprendizagem à distância, telefones celulares e outras inovações, o chefe da aldeia ou o estudante tenham acesso à mesma informação que os Ministros das Finanças.

A tecnologia das comunicações proporciona um instrumento para uma verdadeira participação. Isto é nivelamento das condições. Isso é verdadeira equidade.

Um Banco de realizações

Por toda a sua história, o Banco Mundial sempre se adaptou às condições externas, desde a reconstrução após a II Guerra Mundial até os desafios do desenvolvimento global. Essa adaptação continua hoje. Gostaria de dizer um pouco mais sobre o que fizemos nos últimos anos aproveitando a base sólida do passado.

Nos últimos cinco anos, continuamos a orientar os nossos empréstimos para os setores sociais como saúde, educação e proteção social, que hoje representam um quarto da nossa carteira.

Há cinco anos, nossos empréstimos para a luta global contra a AIDS eram pequenos. Agora, já dedicamos cerca de US\$ 1 bilhão, inclusive US\$ 500 milhões concedidos recentemente para programas na África. Há cinco anos, não tínhamos atividades pós-conflito. Hoje executamos atividades em mais de 35 países. Há cinco anos, não havíamos pensado na iniciativa para os países pobres muito endividados. Hoje concordamos em proporcionar alívio da dívida a 10 países, e estamos fazendo todos os esforços para chegar a 20 países no fim do ano. Há cinco anos, não tínhamos programas de combate à corrupção. Nesse ínterim, realizamos mais de 600 atividades. Há cinco anos, esforçávamo-nos apenas para não provocar danos no meio ambiente. Hoje, temos uma carteira ambiental de US\$ 15 bilhões, inclusive programas de mudança climática e diversidade biológica.

Estamos ajudando governos a melhorar a gestão pública e o clima para os investimentos. Estamos trabalhando para elaborar normas adequadas, de modo que o setor privado possa contribuir de maneira mais eficaz para a criação de infra-estrutura. Por meio dos seus projetos inovadores e de uma carteira crescente, a Corporação Financeira Internacional (IFC) está ampliando a fronteira de oportunidades de investimentos. O mesmo está fazendo o Agência Multilateral de Garantia de Investimentos (AMGI): as garantias aumentaram de US\$ 600 milhões há cinco anos para mais de US\$ 1,5 bilhão.

Concentramo-nos nos resultados e cumprimos as nossas promessas. Há, contudo, quem diga que prometemos mais do que cumprimos.

Em 1995, disse que nos tornaríamos um “Banco de Conhecimento” e avançamos muito. Em 1996, disse que combateríamos o “câncer da corrupção” e estamos entre os líderes dessa luta. Em 1997, falei do “desafio da inclusão” e estamos trabalhando mais que nunca para levar os fracos e mais vulneráveis das margens da sociedade para o centro do palco. Em 1998, falei sobre a necessidade de equilibrar o crescimento econômico essencial com o social e estrutural e propus um Esquema Integral de Desenvolvimento. Desde então, implantamos esse esquema e estamos introduzindo estratégias de redução da pobreza. Em 1999, falei sobre a importância da gestão pública, do fortalecimento da capacidade e da parceria, e estamos trabalhando nessas questões todos os dias, obtendo grandes resultados.

Estamos trabalhando constantemente para melhorar a qualidade dos nossos programas. Nos últimos cinco anos, a proporção de operações com resultados considerados no mínimo satisfatórios pela unidade independente de avaliação aumentou substancialmente. Há cinco anos, 34% dos nossos projetos estavam em situação de risco. Hoje, a proporção é de 15%. Estamos mais próximos de nossos clientes. A metade dos nossos diretores e 2.300 funcionários estão descentralizados e agora trabalham em escritórios do Banco nos países. Somos mais transparentes: divulgamos mais de 85% das nossas estratégias de assistência aos países, em comparação com nenhuma há cinco anos.

Somos um Banco diferente, e os nossos conceitos de desenvolvimento mudaram. Já chegamos ao nosso destino? Não. Mas já passamos da metade de um grande programa de reformas? Sim. E nos próximos cinco anos vamos nos concentrar ainda mais na execução.

Estamos prontos e dispostos a assumir responsabilidade pela agenda social e estrutural, trabalhando com o FMI em apoio aos programas dos países. Estamos trabalhando com nossos colegas no sistema da ONU e outros bancos multilaterais de desenvolvimento sobre a

seletividade e a divisão do trabalho entre nós. Estamos trabalhando com governos, ajudando-os a promover as suas políticas e instituições, em vez de simplesmente executar nossos projetos.

Tudo isso exige alterações adicionais em nossa estratégia institucional. Menos microgestão e mais colaboração com os governos, a fim de ajudá-los a estabelecer parâmetros amplos.

Vamos continuar aplicando condições, mas vamos reduzi-las e nos concentrar nos princípios fundamentais. Vamos apoiar estratégias elaboradas pelos países com empréstimos que alinhem o apoio financeiro ao orçamento e políticas do governo. Para tanto, estamos introduzindo o Crédito de Apoio à Redução da Pobreza.

Seremos flexíveis em termos de projetos e programas para responder às necessidades específicas de cada país e procuraremos maneiras inovadoras de apoiar programas regionais com assessoria, financiamento e doações.

Trabalharemos com nossos parceiros de desenvolvimento no sentido de harmonizar e coordenar as normas e procedimentos ambientais, de aquisição e relatórios para reduzir o ônus administrativo dos clientes. Acreditamos que esse é o caminho para ampliar nosso programa e obter uma execução mais rápida, flexível e eficiente.

Gostaria também de deixar bem claro que continuaremos e aprofundaremos nosso trabalho de erradicação da pobreza nos países de renda média.

Não podemos ignorar 1 bilhão de pessoas que vivem com menos de 2 dólares por dia em países de renda média. Continuaremos a aplicar fundos e conhecimento em educação, saúde e proteção social das comunidades pobres.

Continuaremos a aproveitar a sinergia entre nossos empréstimos e serviços não creditícios, que é crucial para promover a reforma. Continuaremos trabalhando com as autoridades nacionais e regionais no sentido de melhorar as condições de investimento e os empregos essenciais para o alívio da pobreza. Com o tempo, o acesso aos mercados aumentará. Não podemos simplesmente pedir a esses países que recorram aos mercados voláteis de capital para financiar sua luta contra a pobreza. Nossa parceria deve ser de longo prazo, representar um firme compromisso e concentrar-se na pobreza, nos tempos bons e nos tempos ruins.

Trata-se de um programa ambicioso e nosso orçamento é muito restrito. Queria aproveitar esta oportunidade para expressar meu profundo agradecimento pela dedicação e profissionalismo dos funcionários do Grupo Banco Mundial durante este período de transição. Acho que eles constituem a equipe de desenvolvimentistas mais dedicada e talentosa do mundo. Meus aplausos para eles e suas famílias. Tenho muito orgulho de trabalhar com eles.

Próximos Passos: Responsabilidade e Oportunidade

Falei de oportunidade, segurança e autonomia. Falei de participação, transparência e prestação de contas. Mas e a responsabilidade?

Há dois anos, publicamos um estudo sobre a eficácia da ajuda. Os resultados foram muito claros. Os países com boas políticas que receberam ajuda a utilizaram bem. Nos países com políticas inadequadas, a ajuda se perdeu. Aumentou o número de países que adotaram políticas prudentes de crescimento. Aumentou o número de países bem-sucedidos.

Mais e mais países em desenvolvimento estão cumprindo sua parte da promessa. E os países desenvolvidos? Alguns países estão assumindo suas responsabilidades, e a eles expressamos nossa profunda gratidão. Mas muitos não o estão fazendo. Acredito que na próxima etapa devemos nos concentrar em várias áreas prioritárias.

Primeiro, muitos países desenvolvidos ficaram abaixo das metas internacionais de assistência aos países em desenvolvimento. Eles devem aumentar essa ajuda.

Segundo, os países desenvolvidos devem proporcionar os recursos para um alívio da dívida mais profundo, rápido e amplo. Para avançar rapidamente com a iniciativa para os PPME, devemos buscar recursos junto aos países ricos. Essa iniciativa não deve ser financiada por meio da redução do apoio ou pela cobrança de taxas mais altas aos outros países de renda baixa ou média.

Terceiro, os países desenvolvidos devem eliminar as barreiras comerciais contra os países pobres. Nossas estimativas indicam que os custos anuais das barreiras comerciais dos países industrializados representam mais do dobro da assistência ao desenvolvimento.

Quarto, devemos buscar instrumentos inovadores, inclusive doações, para problemas prementes como AIDS, meio ambiente, ensino básico e saúde. O Banco deve fortalecer o Serviço de Doações para o Desenvolvimento.

Quinto, os doadores multilaterais e bilaterais devem colaborar para simplificar seus procedimentos e reduzir o custo das atividades.

Finalmente, devemos reconhecer que há cada vez mais questões cujas soluções requerem ação no âmbito global. Devemos agir juntos.

Este é o momento. Os orçamentos dos países ricos nunca estiveram tão fortes. A tecnologia nunca foi tão dinâmica. As perspectivas de crescimento raramente foram tão boas. A ação pública em todos os países deve ser orientada por um novo compromisso com a redução da pobreza.

Temos um desafio demográfico: nos próximos 25 anos, quase 2 bilhões de pessoas serão acrescentados à população atual de 6 bilhões de habitantes, quase todos nos países em desenvolvimento. Em 25 anos, a população da Europa será quase a mesma de hoje, mas a do mundo em desenvolvimento passará de cinco para quase sete bilhões.

Sem um compromisso com o desenvolvimento, não poderemos evitar as privações e o desespero. Não criaremos um mundo equitativo; não garantiremos a paz e estabilidade para nossos filhos. Todos aqui presentes sabem que podemos e devemos nos esforçar mais.

Temos uma oportunidade histórica.

Este novo mundo, nosso maior conhecimento, uma comunidade de desenvolvimento mais experiente e instituições internacionais reformadas, significa que trabalhando juntos, mudando a nossa prática de desenvolvimento, dando voz aos que não têm voz, temos a oportunidade de ganhar a luta contra a pobreza na próxima década.

Temos que aproveitar as oportunidades e promessas de uma economia global, da era da informação e de tecnologias que salvam vidas e aumentam a produtividade.

Devemos trabalhar juntos, mobilizando os benefícios da globalização para levar a prosperidade a muitos, e não apenas a uns poucos.

Não se trata apenas de um novo programa econômico. Trata-se de uma obrigação – uma obrigação baseada nos valores morais e sociais compartilhados. Uma obrigação que também se baseia no auto-interesse esclarecido. A obrigação de deixar para a próxima geração um mundo melhor: um mundo de equidade, paz e segurança.